

Estrutura, Universo de Discurso e Função de Interpretação: teoria da verdade como correspondência no *tractatus logico-philosophicus*

Structure, Universe of Discourse, and Interpretation Function:
the correspondence theory of truth in the *tractatus logico-philosophicus*

José Maria da Silva Filho

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

Resumo

Este artigo tem o objetivo de examinar a relação entre os conceitos de estrutura, universo de discurso e função de interpretação, no âmbito da lógica formal, e sua articulação com a teoria da verdade como correspondência, tal como apresentada por Wittgenstein no *Tractatus Logico-Philosophicus*. Busca-se mostrar como tais conceitos delimitam o alcance e a aplicabilidade das proposições, definindo seus limites semânticos e sua correspondência com a realidade. O referencial teórico baseia-se na tradição filosófica que inclui Russell e Wittgenstein, além de especialistas em Lógica como Haack, Mortari e comentadores de Wittgenstein, analisado especialmente no contexto do atomismo lógico e da teoria pictórica da proposição, segundo a qual a linguagem é uma figuração do mundo, compartilhando com ele uma forma lógica que possibilita a verificação da verdade ou falsidade da proposição, fundamental para qualquer teoria de verdade. Adota-se metodologicamente uma análise conceitual e interpretativa, confrontando passagens do *Tractatus* com noções centrais da lógica formal. O estudo também aborda comparativamente a posição de Wittgenstein em sua primeira fase quanto à teoria investigada, com outros filósofos, incluindo por exemplo Austin e o próprio Wittgenstein em sua segunda fase. As conclusões indicam que, para Wittgenstein, a verdade de uma proposição depende de sua correspondência estrutural com um estado de coisas no mundo, definindo os limites do que pode ser dito com sentido. A linguagem espelha a realidade apenas dentro desses limites. Essa perspectiva enfatiza a importância de uma relação lógica rigorosa entre linguagem e realidade e mantém relevância para a filosofia contemporânea, ao ressaltar tanto o poder quanto os limites da representação linguística.

Palavras-chave: estrutura lógica; semântica formal; teoria pictórica da proposição

Abstract

This article aims to examine the relationship between the concepts of structure, universe of discourse, and interpretation function within the framework of formal logic, and their articulation with the correspondence theory of truth as presented by Ludwig Wittgenstein in the *Tractatus Logico-Philosophicus*. It seeks to show how these concepts delimit the scope and applicability of propositions, defining their semantic limits and their correspondence with reality. The theoretical framework is grounded in the philosophical tradition that includes Bertrand Russell and Wittgenstein, as well as specialists in logic such as Susan Haack and Cezar Mortari, along with commentators on Wittgenstein. The analysis is conducted especially in the context of logical atomism and the picture theory of the proposition, according to which language is a representation of the world, sharing with it a logical form that makes possible the verification of the truth or falsity of propositions – an essential feature for any theory of truth. Methodologically, a conceptual and interpretative analysis is adopted, confronting passages from the *Tractatus* with central notions of formal logic. The study also comparatively addresses Wittgenstein's position in his early phase regarding the theory under investigation, in relation to other philosophers, including, for example, J. L. Austin and Wittgenstein himself in his later phase. The conclusions indicate that, for Wittgenstein, the truth of a proposition depends on its structural correspondence with a state of affairs in the world, thereby defining the limits of what can be meaningfully said. Language mirrors reality only within these limits. This perspective emphasizes the importance of a rigorous logical relation between language and reality and remains relevant to contemporary philosophy by highlighting both the power and the limits of linguistic representation.

Keyword: logical structure; formal semantics; picture theory of the proposition.

Informações do artigo

Submetido em 12/11/2025

Aprovado em 08/04/2026

Publicado em 15/05/2026.

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2026v26n2.p06-20>



Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons CC BY 4.0

Como ser citado (modelo ABNT)

SILVA FILHO, José Maria da. Estrutura, Universo de Discurso e Função de Interpretação: teoria da verdade como correspondência no *tractatus logico-philosophicus*. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 26, n. 2, p. 06-20, maio/ago. 2026.

1 INTRODUÇÃO

A teoria da verdade como correspondência, amplamente discutida na filosofia da linguagem, na teoria conhecimento e na lógica, propõe que uma proposição é verdadeira quando corresponde a um estado de coisas no mundo. Filósofos como Aristóteles, na antiguidade, Bertrand Russel e o primeiro Wittgenstein, mais próximos a nós, são defensores dessa teoria. Ludwig Wittgenstein, por sua vez, especificamente em sua obra *Tractatus Logico-Philosophicus*, explora esse conceito em profundidade. Ele faz isso articulando a relação entre proposições, realidade e verdade através de uma estrutura lógica rigorosa. Em seu esquema-método, mesmo não apresentando pontualmente como os trago aqui, conceitos como estrutura e universo de discurso desempenham papéis fundamentais, isso porque delimitam o alcance e a aplicabilidade das proposições dentro de uma lógica que poderíamos denominar representacional, mais precisamente apresentado por ele como figurativa. O caminho que procuramos percorrer aqui, não tanto com o rigor com que fez o autor do *Tractatus*, busca examinar a relação entre estrutura e universo de discurso (presentes como um dos elementos constituintes de verificação de proposições quanto ao seu valor-verdade, no campo de estudo da Lógica, mais especificamente da Lógica Formal) e sua relação com a teoria da verdade como correspondência. Por fim, buscaremos destacar como esses conceitos estão previamente apresentados e articulados no *Tractatus*.

2 ESTRUTURA, UNIVERSO DE DISCURSO E FUNÇÃO INTERPRETAÇÃO NA LÓGICA FORMAL

Na investigação presente no estudo da lógica formal (e aqui se tem de ter clareza quanto às características que lhe são constituintes, provenientes da observância aos princípios de identidade, não-contradição, do terceiro excluído e da bivalência), a estrutura tem a função de definir um conjunto específico de regras e elementos que determinam o contexto interpretativo de proposições. Essencialmente, uma estrutura, na lógica, fornece o “mundo” ou o quadro referencial dentro do qual as proposições podem ser classificadas quanto ao fato de serem verdadeiras ou falsas. Tudo a fim de evitar arbitrariedades quanto à

atribuição valorativa, como é o caso das letras sentenciais, tipo “chove” etc. Enfim, o que se pretende com ela (a estrutura), não é apenas dizer se o que está proferido na proposição é verdadeiro ou falso, mas também, e sobretudo, mostrar o motivo pelo qual é ou não verdadeiro. Wittgenstein, bem antes da formalização do Cálculo Quantificacional Clássico de que dispomos hoje, adota uma visão semelhante ao sugerir que a linguagem funciona como uma imagem do mundo. Para ele, a linguagem reflete os objetos e as relações que compõem a realidade, o que é atribuído quando ele nos diz: “o mundo é tudo que é o caso” (TLP¹ 1). Sobre esse aspecto falaremos mais adiante.

O conceito de universo de discurso, vinculado por sua vez ao de estrutura, tem como objetivo delimitar o conjunto de entidades e propriedades aos quais as proposições podem se referir dentro da estrutura. Esse universo de discurso é crucial, pois estabelece os limites do que pode ser dito e compreendido logicamente. Antecipando o que diz Wittgenstein, em seu *Tractatus*, ele afirma: “Figuramos os fatos” (TLP 2.1). Com isso ele tem em mente que a linguagem “representa” um espaço específico de fatos e entidades que só têm significado quando integram os fatos. Há, contudo, uma relação ontológica e linguística envolvendo fatos e objetos. Segundo Marques (2005, p. 312), “nomes não existem independentemente de proposições, nem objetos independentes de fatos”. Ademais, enquanto “fatos existem contingentemente [...], objetos, pelo contrário, desfrutam de uma existência necessária. Eles são o que Wittgenstein chama de substância do mundo” (Marques, 2005, p. 342). Outras duas características importantes do universo de discurso é que, primeiramente, ele não pode ser um conjunto vazio – que poderíamos dizer sobre o nada? Que ele nadifica?² Ele tem de ter ao menos um elemento constituinte. Do contrário, se a estrutura tem como finalidade mostrar o verdadeiro ou o falso, sobre o conjunto vazio o que poderíamos dizer nesse caso? Por outro lado, ele pode contemplar tanto um conjunto finito – como, por exemplo o conjunto dos estados brasileiros –, ou um conjunto infinito, ou melhor dizendo, infinito enumerável – refiro-me aqui, por exemplo, ao conjunto dos números naturais.

¹ Abreviatura da obra *Tractatus Logico-Philosophicus*. Para os que não têm familiaridade com esta obra, a numeração subsequente à abreviatura são os aforismos.

² Não estamos aqui desmerecendo tal afirmação. Apenas fazendo uma brincadeira, uma vez que o contexto em que se desenvolveu se mostra tão importante para esse tipo abordagem.

Uma vez que tenhamos determinado nosso universo, “o próximo passo é dizer como interpretar as expressões básicas de uma linguagem com respeito a ele, ou seja, como dar a elas um valor semântico” (Mortari, 2016, p. 158). Ou seja, o que torna possível seu conhecimento é que a estrutura se dá a conhecer através de uma função interpretação, que tem como escopo “associar às constantes não-lógicas de uma linguagem L certas coisas na estrutura U ” (*Ibid.*). É sua função, pois, associar à estrutura valores (não nos referimos aqui ao verdadeiro ou falso) a nível de subconjuntos, o que inclui, em termos de proposição, tanto propriedades como relações dentro da mesma estrutura, quanto a nível de entidades, ou seja, nomes para os indivíduos de nossa estrutura.

O que torna a função interpretação interessante dentro desse sistema lógico é que é ela que torna possível o acesso à estrutura. Dizer, por exemplo, de um ente que tem uma propriedade ou com outro (ou outros) ente estabelece uma relação, ou seja, que é verdadeira tanto a propriedade como a relação, é dizer, por exemplo, no caso de propriedades, que ela é verdadeira no caso em que a $I(a) \in I(P)$ dentro dessa estrutura, supondo aqui que em nossa estrutura temos um indivíduo/coisa de nome “a” e que ele tem a propriedade “P”. Sobre esse aspecto, tanto o indivíduo/coisa “a” quando a propriedade “P” são mediados pela função interpretação, representada pela letra “I”. Lembrando que é a estrutura, por sua vez, como dito anteriormente, que constitui o horizonte que se apresenta como pano de fundo para a interpretação.

Segundo Mortari (2016, p. 158): “o papel das estruturas [...] é o de especificar os valores semânticos desejados e, dessa maneira, nos permitir determinar se as fórmulas são verdadeiras ou falsas na estrutura”. E quando falamos de fórmulas nos referimos aqui à fórmula atômica (simples), molecular (complexas) e geral (quando presentes os quantificadores).

Portanto, ao definir uma estrutura e um universo de discurso, estamos determinando o escopo dentro do qual a função interpretação nos mostra ser verdadeira ou falsa a proposição, no que ela diz do mundo, nesse caso nossa estrutura.

Levando em consideração os aspectos abordados brevemente nessa seção, passemos, pois, a caracterizar, mesmo que brevemente, a teoria como se concebe a verdade como relação entre o dito (se dá em forma proposicional) e o mundo, verdade essa concebida como correspondência.

3 TEORIA DA VERDADE COMO CORRESPONDÊNCIA

A teoria da verdade como correspondência, defendida por filósofos como Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein, postula que uma proposição é verdadeira se corresponde a um estado de coisas real. Segundo Haack,

as teorias da correspondência entendem que a verdade de uma proposição consiste não em suas relações com outras proposições [como é o caso da teoria da verdade como coerência, defendida por Bradley (1914), Neurath (1932), Rescher (1973) e Dauer (1974)], mas em sua relação com o mundo, sua correspondência com os fatos (Haack, 2002, p. 127).

São representantes dessa teoria, como dito acima, Russell (1918), o primeiro Wittgenstein (1922) e Austin (1950). Mais especificamente, Wittgenstein desenvolve essa teoria em sua própria filosofia, durante o que se costuma denominar atomismo lógico³. Nesse período, ele argumenta que as proposições são verdadeiras ou falsas na medida em que representam a realidade. É claro que com certa ressalva ao serem falsas. Em seu *Tractatus Logico-Philosophicus* (TLP 4.01) ele afirma: “A proposição é uma figuração da realidade. A proposição é um modelo da realidade tal como pensamos que seja”. Esse aforismo dá a entender que a proposição atua como um modelo do mundo, agindo de modo descrevê-lo.

Em sua concepção, Wittgenstein aposta no fato de que a linguagem, ao se estruturar de forma lógica, pode “espelhar” a realidade, criando uma correspondência entre a estrutura das proposições e a estrutura do mundo. Vemos claramente isso quando ele afirma que “a proposição é uma figuração da realidade” (TLP 4.01). Ele estabelece, desse modo, que a verdade é determinada

³ “Wittgenstein foi o criador do atomismo lógico, mas a versão de Russell apareceu primeiro, em suas conferências de 1918, enquanto a de Wittgenstein foi apresentada em 1922, no *Tractatus*” (Haack, 2002, p. 133).

pela correspondência entre a proposição e um fato específico. É claro que na concepção do filósofo do *Tractatus* isso não seria possível em nossa língua natural, devido a sua ambiguidade. Para tal asserção é necessária uma linguagem precisa, ou melhor, logicamente precisa (temos presente aqui toda a empresa desse “grupo” de filósofos nessa construção, iniciada com Frege), pois somente em tal situação o modo como se arranjam as palavras, elas refletem o mundo, ou seja, somente “em uma linguagem perfeitamente clara, o arranjo das palavras em uma proposição atômica verdadeira refletiria o arranjo das coisas simples no mundo” (Haack, 2002, p. 134). Somente nessa condição “a ‘correspondência’ consiste neste isomorfismo estrutural”. Isso porque haveria uma precisão entre a proposição e o mundo.

É claro que ao falar aqui de uma proposição referimo-nos à proposição atômica, menor partícula afirmativa sobre a realidade. Quanto ao modo como elas se relacionam entre si, ganhou uma dimensão maior quando relacionados aos operadores lógicos. Isso torna possível falar dos fatos relacionados ao mundo. Como falamos anteriormente, é no interior desse isomorfismo que podemos afirmar ou negar os fatos. A atenção quanto ao falar do negativo é que sempre foi uma questão problemática. É possível falar do que não é? Aristóteles, por exemplo, observou que “dizer do que é que ele não é, ou do que não é que ele é, é falso, enquanto dizer do que é que ele é, ou do que não é que ele não é, é verdadeiro” (*Metafísica* 1011b26-27). Mas aqui estaríamos apontando para outra teoria. Para Wittgenstein os fatos são positivos. A negação não se relaciona ao fato enquanto inexistência, mas é oriunda do operador lógico de negação, por conseguinte como uma relação proveniente a partir da negação de algum fato no mundo. No aforismo TLP 2.05 temos: “A totalidade dos estados existentes de coisas também determina que estados de coisas não existem”. No seu referente à proposição, temos: “A proposição mostra seu sentido. A proposição mostra como estão as coisas se for verdadeira” (TLP 4.022). Nesse aspecto ele difere de Russell, que, por exemplo,

admite (embora não com uma confiança completa, por causa da reação adversa que esta tese recebeu em Harvard!) fatos tanto negativos quanto positivos, de forma que a verdade da negação de p pode consistir em sua correspondência com o fato de que não p , em vez da falha de p em corresponder aos fatos (Haack, 2002, p. 134).

Bem, isso é apenas uma divagação quanto aos “fatos negativos” dentro dessa teoria. É claro que essa divagação daria elementos para muitas discussões nas searas filosóficas. O que buscamos com essa breve apresentação é justamente apontar para o fato de que essa perspectiva corresponde à ideia central da teoria da verdade como correspondência: as proposições são imagens que são verdadeiras quando há fatos no mundo que lhes corresponda⁴.

Segundo Haack (2002, p. 135), “a relação de correspondência é explicada não em termos de um isomorfismo estrutural entre proposição e fato, mas em termos de relações puramente convencionais entre as palavras e o mundo”.

Contudo, nossa abordagem aqui tem o maior foco na perspectiva de Wittgenstein, uma vez que é nela que buscamos aproximar os dois pressupostos mencionados, o da linguagem ideal e o do atomismo lógico. E como vimos, em ambos os pressupostos a verdade está nessa correspondência entre a linguagem e o mundo. Ou seja, os fatos do mundo se nos apresentam no interior das proposições.

4 WITTGENSTEIN E A ESTRUTURA DAS PROPOSIÇÕES

Como é de conhecimento de qualquer pessoa que investiga a linguagem como um método de fazer filosofia, Wittgenstein é bastante reconhecido por sua contribuição à filosofia da linguagem. Grosso modo diríamos que são duas abordagens filosóficas. Abordaremos aqui suas teorias sobre a natureza das proposições. No TLP, publicado em 1921, propõe uma concepção da linguagem que tem como pano de fundo uma estrutura lógica que reflete o mundo. Podemos dizer que nessa teoria as proposições, ao representarem fatos, assumem uma estrutura lógica e essa estrutura possibilita o significado. Buscaremos aqui explorar seu conceito de proposições. Para isso analisaremos como ele relaciona linguagem e mundo.

⁴ Austin também apresenta uma versão da teoria da verdade como correspondência, mas sem partir nem dos pressupostos advindos da metafísica atomista de Russell e Wittgenstein brevemente apresentada, nem da necessidade de uma linguagem ideal, pressuposto essencial das teorias aqui apresentadas.

4.1 A teoria pictórica da proposição

Wittgenstein defende que as proposições são representações pictóricas da realidade. Ou seja, uma proposição se configura como uma “imagem” de um estado de coisas no mundo. Isso quer dizer que ela possui uma estrutura que espelha a disposição das coisas que pretende representar. Invertendo o modo de dizer, se quisermos focar na proposição, a sua estrutura reflete a própria estrutura da realidade, e é isso que permite que as proposições sejam verdadeiras ou falsas. É com base na sua correspondência com os fatos do mundo que podemos dizer que algo é verdadeiro ou falso.

Essa relação pictórica só é possível, segundo Wittgenstein, porque proposições e realidade (mundo) compartilham a mesma forma lógica. Dito de outro modo, a lógica subjacente à estrutura das proposições é a mesma que organiza os fatos no mundo. Com isso queremos dizer que as proposições são “formas de expressão” do mundo. Essa relação é o que torna possível que uma proposição tenha sentido e represente algo.

4.2 Forma lógica e estrutura da proposição

Para o Wittgenstein do *Tractatus* a noção de forma lógica é central. A forma lógica de uma proposição, em sua perspectiva, é algo que se mostra na proposição quando ela representa um estado de coisas. Por isso o que denominamos aqui estrutura da proposição deve, pois, ter a mesma forma lógica do fato que representa. Por exemplo, quando dizemos “a água ferve aos 100°C”, isso representa um fato no mundo exclusivamente porque há uma correspondência estrutural no modo como as palavras se organizam na proposição e o estado de coisas reais a que ela se refere.

Isso é o que faz com que ele distinga as proposições que têm sentido das proposições sem sentido. Uma proposição com sentido, para ele, é aquela que tem uma estrutura lógica que se equipara com a realidade e é justamente por isso que ela pode ser verdadeira ou falsa. Por outro lado, as proposições que

não seguem essa estrutura lógica não têm sentido, uma vez que não se referem a nenhum estado de coisas no mundo. Um exemplo desse tipo de proposição temos em: “o mundo é infinito em grandeza e o mundo é finito em grandeza, admite-se então que **o mundo** (a série inteira dos fenômenos) **é uma coisa em si**” (Kant, A504/B532, grifo nosso). Nem proposição poderíamos de que que é. Segundo a lógica wittgensteiniana, seria pseudo-proposição. E, embora aparentem significativas, não cumprem a função de representar o mundo.

4.3 Limites da linguagem e o papel da filosofia

No tocando ao fato de limitar algo, no *Tractatus*, Wittgenstein diz que a filosofia tem a tarefa de clarificação, ou seja, ela revela os limites do que pode ser dito com sentido e o que pode ser dito está submetido à verificação, ou seja, ou ele é verdadeiro ou falso. Para ele, quando se examina a estrutura das proposições, a filosofia tem a capacidade de delimitar o que se pode expressar linguisticamente e sobre o que se encaixa nesse limite não cabe à filosofia falar. Desse modo, ela distingue entre aquilo que pode ser logicamente estruturado, ou seja, o que representa o mundo e aquilo que ultrapassa esses limites, e aqui temos como exemplos as questões éticas e metafísicas. Em suma esses limites são dados pela forma lógica. Dessa forma, Wittgenstein estabelece uma demarcação entre proposições com sentido e o inefável, colocando limites à filosofia e à própria linguagem, o que ele resume no aforismo tão amplamente citado: “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (TLP 7).

A teoria de Wittgenstein sobre a estrutura das proposições constitui de certa forma uma abordagem revolucionária para o estudo da linguagem. Quando ele sustenta que as proposições têm uma forma lógica e que essa forma espelha a estrutura dos fatos no mundo, ele propõe que a linguagem é uma ferramenta que representa o real e que seus limites são inerentes ao seu próprio *modus operandi*. Essa perspectiva coloca a filosofia em uma posição de análise lógica que se destina a esclarecer e delimitar aquilo que pode ser dito. Sua teoria teve bastante influência sobre a filosofia analítica e a lógica, uma vez que enfatiza a importância da estrutura na constituição do significado.

Como vimos, para ele, uma proposição é verdadeira quando ela reflete a estrutura da realidade. Dito de outro modo, a estrutura interna da linguagem é semelhante à estrutura do mundo. Como encontramos no (TLP 2.15):

Que os elementos da figuração estejam uns para os outros de uma determinada maneira representa que as coisas assim estão umas para as outras. – Essa vinculação dos elementos da figuração chama-se sua estrutura; a possibilidade desta, sua forma de afiguração.

Desse modo, a linguagem espelha a estrutura do mundo de tal maneira que seja possível criar uma correspondência exata entre proposições e realidade.

Daí a base para a teoria da verdade enquanto correspondência. Uma vez que a proposição deve refletir a estrutura do fato que ela representa, “o que toda figuração, qualquer que seja sua forma, deve ter em comum com a realidade para poder de algum modo – correta ou falsamente – afigurá-la é a forma lógica, isto é, a forma da realidade” (TLP 2.18). Nesse sentido, a estrutura lógica das proposições não é arbitrária; ela deve ser construída de forma que permita uma correspondência com o mundo. Esse conceito de estrutura é fundamental para a teoria da verdade como correspondência, pois define os limites lógicos de como a linguagem pode representar a realidade.

5 CORRESPONDÊNCIA ENTRE LINGUAGEM E REALIDADE: NÃO TÃO SIMPLES

A correspondência entre linguagem e realidade, como vimos, tem um papel central na filosofia da linguagem. A princípio, aborda como a linguagem representa, descreve ou até cria realidades (aqui um adendo ao que estamos apresentando). As questões fundamentais que se nos apresentam são: a linguagem pode refletir o mundo externo de maneira precisa e objetiva? Como? Até que ponto ela pode moldar a nossa percepção da realidade? É claro que as respostas a essas perguntas tendem a ter vertentes perspectivistas, outra teoria da verdade.

Como apresentamos, a correspondência entre linguagem e realidade tem raízes no pensamento clássico com Aristóteles que afirmava ser a linguagem (ou

as sentenças linguísticas) capaz de representar o que há no mundo, de modo que se conforma aos objetos e eventos reais. Para ele, a verdade se baseia na adequação entre o dito e o que realmente ocorre no mundo, ou seja, uma proposição é verdadeira quando descreve corretamente um fato, e falsa quando não.

Embora, como vimos, suas raízes estejam lá atrás, apenas no início do século XX, como Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein essa teoria foi formulada. Para Russell a estrutura lógica das sentenças reflete a estrutura do mundo, ou seja, uma sentença é verdadeira se há uma correspondência entre os elementos que compõem a proposição e os fatos no mundo. Wittgenstein, como vimos também, propôs que a linguagem é uma “imagem” da realidade, e que as proposições linguísticas “figuram” os fatos. No TLP encontramos: “É óbvio que percebemos uma proposição da forma “aRb” como figuração. Aqui o sinal é obviamente um símile do designado” (TLP, 4.012). A estrutura lógica de uma proposição, portanto, precisa imitar a estrutura dos fatos para ser capaz de representá-los. Em suma, essa visão propõe que a linguagem só possui significado na medida em que apresenta uma estrutura lógica que corresponde aos estados de coisas no mundo.

Porém, como é comum acontecer na Filosofia, a teoria da correspondência foi alvo de investigações, inclusive, pelo próprio Wittgenstein, nas Investigações Filosóficas. Ele mesmo começa a criticar a pressuposição de que a linguagem funciona como um “mapa” preciso da realidade, argumentando que a linguagem, na verdade, é uma atividade humana profundamente enraizada em práticas sociais. Por isso, ao contrário de ser um espelho da realidade, ela é moldada por contextos, regras e convenções sociais que não têm uma relação necessária com um mundo externo independente, o que se apresenta como inerente ao que ele denominou de “forma de vida”, que

para além de toda fundamentação, assume um papel fundamental, isso porque o que garante toda afirmação, seja de verificação, seja de valoração, tem nela seu recurso último, uma vez que, como é na linguagem que nos entendemos, e esta está profundamente imbricada naquela, nossa forma de vida se apresenta como o critério referencial em que aqueles papéis se desenvolvem (Silva Filho, 2022, p. 75-76).

Desse modo, a realidade que construímos na linguagem decorre de convenções, e não de uma correspondência objetiva.

Para além da perspectiva filosófica, só como um adendo, essa relação entre linguagem e realidade também é explorada por abordagens psicológicas e linguísticas, presentes, por exemplo, no relativismo linguístico, especialmente na hipótese de Sapir-Whorf. Nesta hipótese, a estrutura da linguagem influencia o modo como os falantes percebem o mundo, ou seja, a linguagem pode moldar o modo como pensamos e percebemos a realidade (Moura, 2021). Isso sugere que a correspondência que vimos apresentando é menos direta do que se imagina. Para além de descrever a realidade, a linguagem influencia a nossa experiência dela.

A partir dessa discussão, podemos previamente concluir que a correspondência entre linguagem e realidade é uma questão complexa, e a ideia de que a linguagem reflete fielmente o mundo é apenas uma das muitas perspectivas. Lógico que qualquer teoria sobre a realidade é menor que a própria realidade constituída. Contemporaneamente, a filosofia reconhece que a linguagem não só representa, mas também cria realidades, especialmente ao moldar o entendimento coletivo sobre o que é verdadeiro e relevante. A correspondência entre linguagem e realidade como proposta por essa teoria, é, pois, mediada por fatores sociais, culturais e cognitivos, o que torna esse tema um campo amplo de investigação contínua.

6 UNIVERSO DE DISCURSO E OS LIMITES DA LINGUAGEM

O que apresentamos aqui, mesmo com adendos, foi o foco na relação entre linguagem e mundo. Um conceito central no *Tractatus* refere-se ao fato de que o universo de discurso, como vimos anteriormente, define os limites daquilo que pode ser dito. Conforme afirma Wittgenstein: “Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo” (TLP 5.6). O que está implícito aqui é que aquilo que não pode ser representado logicamente, linguisticamente, não pode ser representado porque está para além da figuração factual. É claro que para a teoria da verdade como correspondência isso é de suma importância, pois

implica que a verdade de uma proposição se restringe ao universo de discurso representado por ela.

Ademais, para Wittgenstein há limites para a representação, conforme temos no aforismo: “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (TLP, 7). Essa declaração final é consequência última do espelhamento linguagem-mundo, pois destaca a importância que o universo de discurso tem para a teoria da verdade como correspondência, uma vez que ela indica apenas os fatos passíveis de serem representados. Por fim, aproximando-nos de nossas considerações, faz-se necessário mencionar dois aspectos que relacionam a Lógica Formal à Filosofia do *Tractatus*: o primeiro deles, consiste na distinção entre “dizer” e “mostrar”. Como dissemos, os fatos são representados (ditos) na linguagem; a forma lógica da linguagem, ao contrário, não pode ser dita, ela apenas se mostra na estrutura da proposição (ela não é um fato); o segundo é que no *Tractatus*, a verdade é pensada como correspondência com os fatos, e a lógica que articula proposições verdadeiras ou falsas é verofuncional e extensional. Isso implica dizer que aquilo que se encontra para além do universo de discurso é sem sentido (*Unsinn*).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, o *Tractatus Logico-Philosophicus* apresenta de modo ímpar uma visão única sobre a relação entre estrutura, universo de discurso e a teoria da verdade como correspondência. Seu autor argumenta ser a linguagem um espelho da realidade, e que para que as proposições possam ser verdadeiras, deve haver uma correspondência entre sua estrutura e os estados de coisas no mundo. Ao abordar, mesmo de modo implícito no conjunto de sua obra, os conceitos de estrutura e universo de discurso, ele estabelece um sistema em que a linguagem é limitada pelos limites do mundo que ela representa.

Até hoje essa perspectiva de Wittgenstein continua a ser relevante para a filosofia da linguagem e para a lógica, uma vez que destaca a importância de uma relação lógica rigorosa entre linguagem e realidade. E quando no *Tractatus* define os limites do que pode ser dito, estabelece também uma fronteira entre o mundo lógico da linguagem e aquilo que está além da representação,

promovendo uma reflexão profunda sobre os limites do discurso e da compreensão humana.

É claro que nada do exposto aqui teve a intenção de esgotar quaisquer dos pontos apresentados. Muito longe de tal empresa, o que buscamos foi, antes, aproximar conceitos pertencentes à Filosofia da linguagem, Lógica e Teoria do conhecimento, e, aproximando, dar a conhecer essa perspectiva que foi fundamental para a construção do conhecimento humano que, posto em evidência, o ajuda a responder ou, ao menos, indicar o caminho por onde começar a buscar respostas que, inclusive podem ser diversas.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Metafísica. 2. ed. Ensaio introdutório, tradução do texto grego, sumário e comentários: Giovanni Reale. Tradução: Marcelo Perine. São Paulo. Loyola, 2002. v. I, II, III.

HAACK, Susan. Filosofia das lógicas. Tradução: Cezar Augusto Mortari e Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: UNESP, 2002.

KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

MORTARI, Cezar A. Introdução à lógica. São Paulo: UNESP, 2016.

MOURA, Sabine Mendes. Linguística avançada. São Paulo: Telesapiens, 2021.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Tractatus logico-philosophicus. 3. ed. Tradução: Luiz Henrique Lopes dos Santos. Introdução: Bertrand Russell. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MARQUES. Edgar. Wittgenstein e o tractatus. Rio de Janeiro, Zahar: 2005. (Kindle).

SILVA FILHO, J. M. da. Ter em mente (Meinen) e forma de vida (Lebensform): elementos estruturantes da negação do ato mental no segundo Wittgenstein. 2022. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2022.

.

DADOS DO AUTOR

José Maria da Silva Filho

Mestre em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco, e graduação em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Atualmente é Professor Assistente 1 no Curso de Filosofia (UNICAP) e Assistente Administrativo, lotado no Instituto Humanitas Unicap, onde atua na gestão de atividades afins da Universidade. Tem experiência na área de Lógica, Filosofia da Linguagem, Teoria do conhecimento.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7826-4298>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2385810838703040>

E-mail: jose.maria@unicap.br